DORES E DELÍCIAS DE SE ESTUDAR EM UM PRÉDIO TOMBADO: INVESTIGAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO E PERTENCIMENTO

Mara Rosângela Ferraro Nita [1]
COTUCA/UNICAMP

Patricia Rita Cortelazzo [2]
COTUCA/UNICAMP

De autoria de Ramos de Azevedo, o prédio do Colégio Técnico de Campinas/COTUCA, é um bem patrimonial de grande importância para a cidade de Campinas, SP. Inaugurado em 1918 para ser a sede do Liceu de Artes e Ofícios Bento Quirino, foi concedido à UNICAMP em 1967. Desde então passou a abrigar o colégio técnico da Universidade Estadual de Campinas. Em estilo eclético, foi tombado pelo CONDEPACC (1992) e CONDEPHAAT (1984).

O engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo (São Paulo, 1851 – Guarujá, 1928) foi um dos principais nomes da arquitetura paulista do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Embora tenha nascido em São Paulo, declarava-se campineiro, pois passou a infância e juventude na cidade. Depois de se formar em Engenharia Civil na Bélgica, retornou à Campinas e executou uma série de obras antes de se mudar definitivamente para a capital e abrir o famoso Escritório Ramos de Azevedo, responsável por modernizar a paisagem urbana da capital, cujo estilo eclético correspondia ao que estava em voga na Europa no mesmo período. Entre as suas principais realizações estão o Theatro Municipal, a Pinacoteca do Estado, o Palácio das Indústrias, o Palácio da Justiça e o Mercado Municipal. Dentre o conjunto de mais de 20 projetos realizados em Campinas, destaca-se a finalização da Catedral Metropolitana de

[1] Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (1996). Mestre em Educação (2001) e Doutora em Artes (2010) pela mesma instituição. Leciona Arte no Colégio Técnico de Campinas COTUCA/UNICAMP, desde 1997. Publicou artigos e capítulo de livro sobre ensino de arte contemporânea e ilustração. Menção honrosa no XXI Prêmio Arte na Escola Cidadã (2020), categoria Ensino Médio. [marafe@unicamp.br] • [http://lattes.cnpq.br/3693729907748147]

[2] Graduada em Educação Artística, UNISANTA (1995), Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Professora de Arte no Colégio Técnico de Campinas, COTUCA/UNICAMP. No ensino superior tem experiência com a formação de professores, em metodologia do ensino de arte, cultura brasileira, orientações de trabalhos de conclusão de curso. Autora de livros e artigos na área [patrrita@unicamp.br] • [https://lattes.cnpq.br/2649187730058581]

Campinas, o Mercado Municipal, o Matadouro Municipal, a Praça Carlos Gomes e o prédio do COTUCA.

Após décadas sediados no prédio histórico localizado na região central da cidade, em 2014 precisamos sair às pressas devido ao risco de desabamento do telhado por infestação de cupim. Alojados provisoriamente em um imóvel alugado no bairro Taquaral por 08 anos, retornamos ao prédio histórico em 2022, depois de uma parceria de restauro entre a *Campinas Decor* e a UNICAMP, período que coincidiu também com a retomada das aulas presenciais pós-pandemia.

Devido a este contexto de mudanças extremas, do virtual para o presencial e de endereço, rapidamente a área de Arte - disciplina que é sinônimo de sensibilidade, criação e de apropriação simbólica da cultura -, se organizou com uma série de proposições no sentido de fomentar o sentimento de pertencimento ao ambiente arquitetônico de grande projeção estética, mas nem sempre eficiente enquanto espaço escolar, na medida em que o tombamento tem certos protocolos e normas específicas que implicam em várias restrições. Não se pode, por exemplo, pintar as paredes de outra cor, colocar um ar condicionado ou afixar um cartaz, sem autorização prévia. Para os adolescentes que chegam, estas regras muitas vezes podem ser vistas como barreiras, empecilhos à apropriação. Ou seja, precisávamos nos reconhecer e reconectar ao ambiente escolar, germinar raízes, revirar as caixas de memórias para buscar um sentimento de pertencimento à nova ambiência. Foi justamente devido a esta necessidade que começamos a formular um projeto de Patrimônio x pertencimento que se inicia exatamente no retorno às aulas presenciais em 1922 e se estende até 2024, com ações pontuais ainda nos dias de hoje com o ingresso dos novos alunos. O objetivo principal deste relato de experiência é justamente compartilhar os projetos desenvolvidos pela área de Arte em torno desta questão de patrimônio e pertencimento. Esta ideia de pertencimento, muito forte em um momento de adequação ao novo prédio, vem de encontro às ideias de Aguirre (2008), sobre se formar um matrimônio com as obras em estudo, que levaria a um maior compromisso e responsabilidade compartilhada. Nesse sentido, as ações pedagógicas buscaram partir das experiências pessoais dos estudantes, para então chegarem em questões maiores, demonstrando a importância de sentir-se responsável pelo cuidado do espaço compartilhado por todos. Foi com este intento que as propostas foram se ampliando no decorrer dos anos letivos.

Durante todo o ano de 2022 realizamos ações pedagógicas e artísticas em torno da temática do patrimônio material e imaterial, bem como sobre a arquitetura de Ramos de Azevedo com 07 turmas do Ensino Médio (Diurno: Mecatrônica, Eletroeletrônica, Informática, Alimentos e Enfermagem e Noturno: Mecatrônica e Eletroeletrônica).

Dentre estas ações destacamos dois ensaios fotográficos sobre o prédio tombado. O primeiro abrangia um olhar para os detalhes, enquadramentos variados e fotos em perspectivas diversas. O segundo ensaio consistia numa ação performática do grupo em interação com o prédio. Realizamos ainda desenhos de observação do prédio sob pontos de vistas variados. No contexto do patrimônio cultural brasileiro, propusemos uma releitura de canção, dança ou peça teatral do vasto repertório cultural brasileiro e tivemos resultados surpreendentes. Na sequência, realizamos uma produção sonora ou corporal a partir de sorteio de ditados, provérbios e expressões populares. Neste momento as obras que compuseram a exposição "Com o coração saindo pela boca", de Jonathas de Andrade na Bienal de Veneza foram de grande valia para a nutrição estética. Discutindo a questão da arte urbana como possibilidade de diálogo com a arquitetura da cidade, chegamos ao grafite. Os alunos produziram curtas-metragens sobre diversos artistas do grafite paulistano e carioca: Os Gêmeos, Kobra, Nina Pandolfo, Zezão, Joana Cesar, Alexandre Órion e Mag Magrela. Criamos ainda um mural virtual (padlet) com o objetivo de realizar um levantamento dos grafites que mais impactaram os estudantes, na cidade e região.

Durante a nossa tradicional Gincana Cultural e Solidária intitulada “1822, 1922 e 2022. Que país é esse? ”, as equipes realizaram pinturas coletivas de 16 bancos de concreto inspirados em alguns recortes da arte brasileira, sendo: arte dos povos indígenas; matriz afro-brasileira; artistas participantes da Semana de 22 (Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret e Rego Monteiro) e a arte contemporânea feminina (Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Leda Catunda e Rosana Paulino). Além disso, graças ao apoio da APM, Direção e Adunicamp, pudemos convidar quarto artistas das etnias Kariri Xocó, Ticunae Dessana para a realização de pinturas em quatro bancos de concreto e colunas do muro de um canto bastante especial do colégio, cuja disposição dos elementos formam um espaço propício aos encontros coletivos. Ao mesmo tempo em que os indígenas realizavam seus grafismos em amarelo açafrão, branco, preto e vermelho, os estudantes executavam as suas pinturas multicoloridas. De fato, esta foi uma experiência marcante de interação artística (Figura 1) com impacto significativo sobre a

comunidade escolar, gerando um estado de encantamento, trazendo cor e alegria ao espaço que recomeçamos a habitar em 2022 e que sabíamos iria se tornar ainda mais difícil em 2023, quando iniciaríamos a construção do prédio vertical de salas sobre as quadras poliesportivas, trazendo pó, barulho e redução significativa de espaço para as aulas de Educação Física e uma gama imensa de atividades coletivas.



Figura 1. *Pintura dos bancos do COTUCA, por alunos e artista indígena.*
Fonte: *Acervo das autoras*

Para encerrar o ano, realizamos uma pesquisa sobre grafismos indígenas e afro-brasileiros para compor um cartão de felicitações, que seria aleatoriamente trocado entre os estudantes com dicas culturais para as férias.

Em 2023, retomamos com força os estudos sobre patrimônio, sendo "Patrimônio Material, Imaterial e Cultural brasileiro" o tema da nossa Gincana Solidária e Cultural, quando as equipes encenaram lendas das regiões brasileiras (Norte: Barba Ruiva, Nordeste: A morte de Zumbi, Sudeste: A lenda de Itararé e Sul: A gralha azul), dançaram Carimbó, Maracatú, Bumba-Meu-Boi e Congada e realizaram aquarelas dentro das seguintes categorias: representação do nosso prédio amarelo, de Ramos de Azevedo; Monumentos da cidade de Campinas, Cidades (Brasília, Ouro Preto, Pará e Rio de Janeiro); Festejos: Samba, Capoeira, Bumba meu boi, Frevo; Habitação (Favela, Tribo indígena, Quilombo e Caiçara) e Patrimônio material ou imaterial à escolha da equipe.

Entre setembro de 2023 a agosto de 2024 orientamos um Projeto de Iniciação Científica (Pibic-EM/CNPq), intitulado: "As relações artístico-poéticas do adolescente na construção do sentimento de pertencimento ao prédio tombado do COTUCA, de Ramos de Azevedo". Nesta pesquisa-ação, fundamentada em Bueno (2015), Lemos (1993) e Monteiro (2009), 05 bolsistas estudaram a obra arquitetônica do Escritório Ramos de Azevedo, especialmente o nosso prédio histórico e promoveram uma interlocução sensível com o "prédio amarelo", por meio da produção de uma série de ações artísticas, tais como desenhos, fotografias, instalações, textos escritos, vídeos, dentre outros. Realizamos ainda uma visita à Pinacoteca do Estado e ao Museu Catavento, ambos projetados pelo Escritório Ramos de Azevedo. A investigação e a ocupação

artística, permitiram traçar reflexões e resultados bastante sólidos sobre a importância da criação de vínculos afetivos em relação ao espaço arquitetônico. Podemos citar como exemplo o projeto coletivo "Tempestade de ideias" (Figura 2). Inspirada em Leda Catunda, Ernesto Neto e nas fitas de cetim dos festejos e folguedos populares, a instalação causou um grande impacto na comunidade escolar. Durante uma semana, estudantes, professores e funcionários tiveram que atravessá-la para circular entre os ambientes do colégio. Houve encantamento, muitas fotografias, muitos elogios e até algumas queixas de incômodo na circulação.



Figura 2. *Instalação coletiva: 'Tempestade de ideias"*
Fonte: *acervo das autoras*

Enfim, seja no projeto anual de retorno ao prédio histórico pós pandemia em 2022, nas temáticas das Gincana Solidária e Cultural e no Pibic-EM, a conclusão que pudemos chegar foi que refletir poeticamente sobre o patrimônio brasileiro, bem como o nosso prédio tombado permitiu aos estudantes a criação de laços de afetividade e o sentimento de pertencimento em relação ao espaço escolar. Quando estudamos a obra de Ramos de Azevedo e sua importância para a arquitetura de Campinas e São Paulo, quando desenhamos, fotografamos e interagimos cenicamente com o prédio secular, quando resgatamos histórias familiares, expressões populares, danças, cantigas, lendas, mitos e grafismos indígenas e afro-brasileiros - os nossos patrimônios materiais e imateriais -, percebemos que os alunos foram ressignificando o seu papel dentro do ambiente escolar e da própria cultura. O que antes parecia velho e arcaico, passou a ser visto com olhos atentos e curiosos. A auto avaliação que aplicamos em 2022 com as nossas turmas sinalizou a importância de se conhecer e cuidar do patrimônio pessoal, do colégio, da cidade e do país. Escreveu uma aluna; "Poder observar os detalhes e a complexidade de sua arquitetura me deixou mais íntima do colégio, sinto que aqui de fato é a minha segunda casa agora".